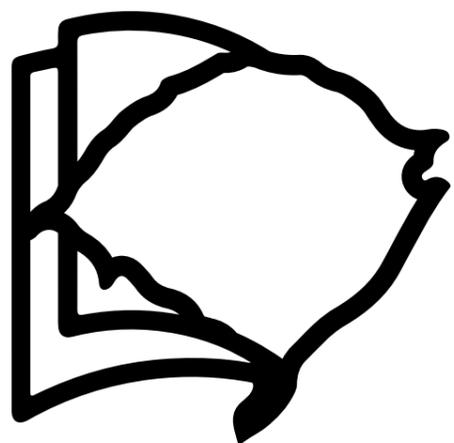




ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Cadernos



RS

NO CENSO

2022

INDÍGENAS E QUILOMBOLAS

dee.rs.gov.br

Outubro de 2025



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO
SUBSECRETARIA DE PLANEJAMENTO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

CADERNOS RS NO CENSO 2022: INDÍGENAS E QUILOMBOLAS

Divisão de Análise de Políticas Sociais

Equipe técnica:

Mariana Lisboa Pessoa (coordenação)
Ricardo César Gadelha de Oliveira Júnior

Porto Alegre, outubro de 2025

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Governador: Eduardo Leite
Vice-Governador: Gabriel Vieira de Souza

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO

Secretária: Danielle Calazans
Secretário Adjunto: Bruno Silveira

SUBSECRETARIA DE PLANEJAMENTO

Subsecretário de Planejamento em exercício: Alessandro Castilhos Martins

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

Diretor: Tomás Pinheiro Fiori
Diretor Adjunto: Pedro Tonon Zuanazzi
Divisão de Análise de Políticas Sociais: Mariana Lisboa Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

P475c Pessoa, Mariana Lisboa.
Caderno RS no Censo 2022 : indígenas e quilombolas / Mariana Lisboa Pessoa, Ricardo César Gadelha de Oliveira Júnior - Porto Alegre : Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, 2025.
17 p. : il.

1. Indígena – Rio Grande do Sul. 2. Quilombola – Rio Grande do Sul.
3. Censo demográfico I. Oliveira Júnior, Ricardo César Gadelha de. II. Título. III. Rio Grande do Sul. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística.

CDU 314(=414)(=87)(816.5)

Bibliotecária responsável: Kátia Midori Hiwatashi - CRB 10/1424

APRESENTAÇÃO	3
INDÍGENAS - CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO	4
INDÍGENAS - EDUCAÇÃO	7
INDÍGENAS - CARACTERÍSTICAS DOS DOMICÍLIOS	9
QUILOMBOLAS - CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO.....	11
QUILOMBOLAS - EDUCAÇÃO	15
QUILOMBOLAS - CARACTERÍSTICAS DOS DOMICÍLIOS	17

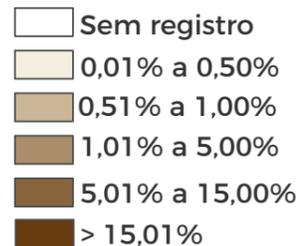
Cadernos RS no Censo 2022 é uma série de publicações, elaborada pelo Departamento de Economia e Estatística (DEE), da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG), cujo objetivo é a divulgação dos principais dados do **Censo Demográfico 2022**, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os cadernos apresentam os dados e as informações do Censo para o estado do Rio Grande do Sul, na forma de gráficos, tabelas e textos. Além do resultado geral para o estado, são apresentados os principais destaques municipais.

O Censo Demográfico é a principal fonte de informações sobre a população brasileira. Por ser uma pesquisa muito abrangente, seus resultados são divididos pelo IBGE em diversas divulgações ao longo de alguns anos. Da mesma forma, os Cadernos RS no Censo 2022 do DEE também são temáticos. Neste quinto caderno, apresentam-se os principais dados sobre **população indígena e quilombola** já divulgados.

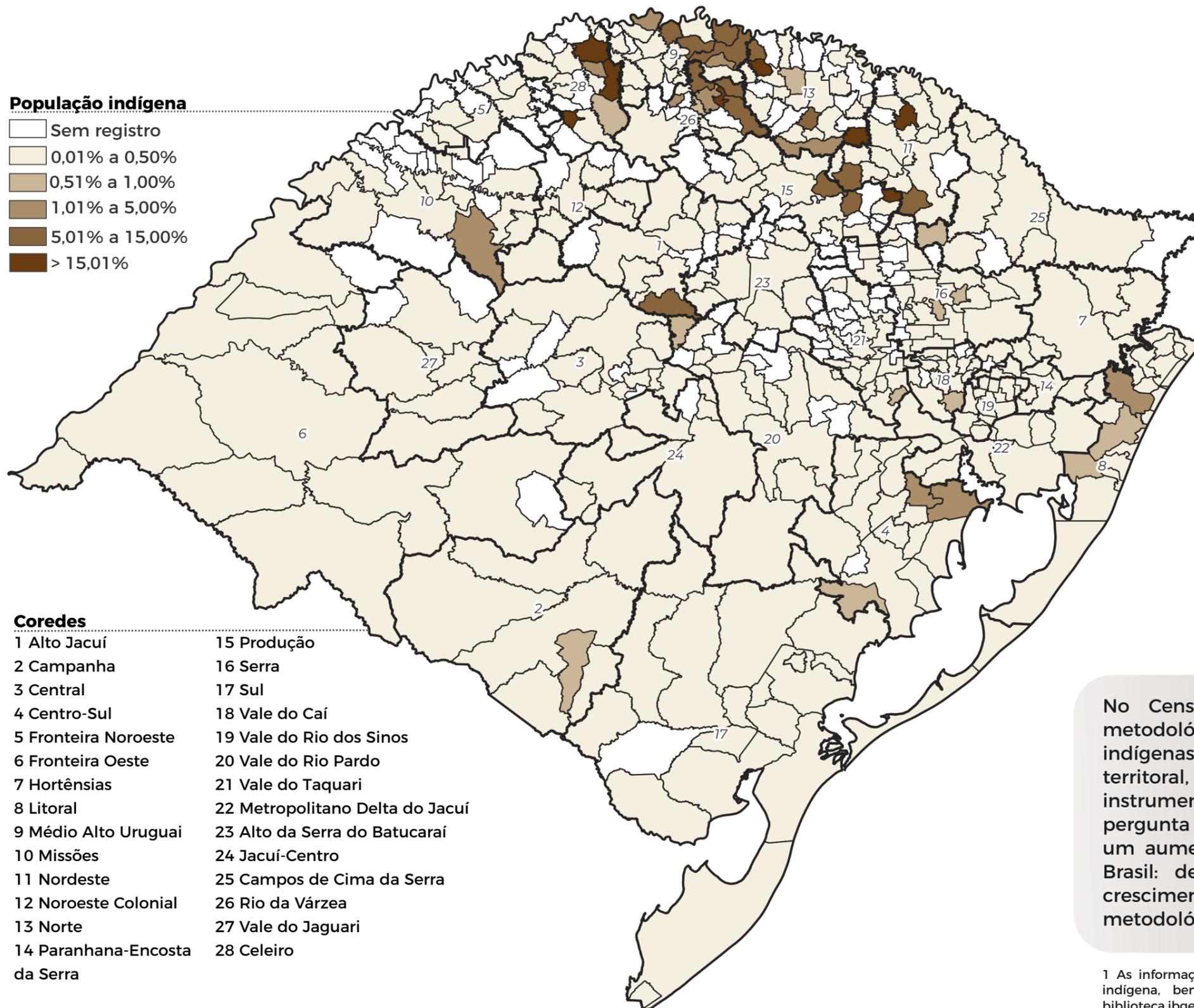
De acordo com os dados do Censo, a população indígena no RS, em 2022, era de 36.102 pessoas, sendo a maioria composta por mulheres (50,4%) e residindo nas áreas rurais (60,5%).

População indígena

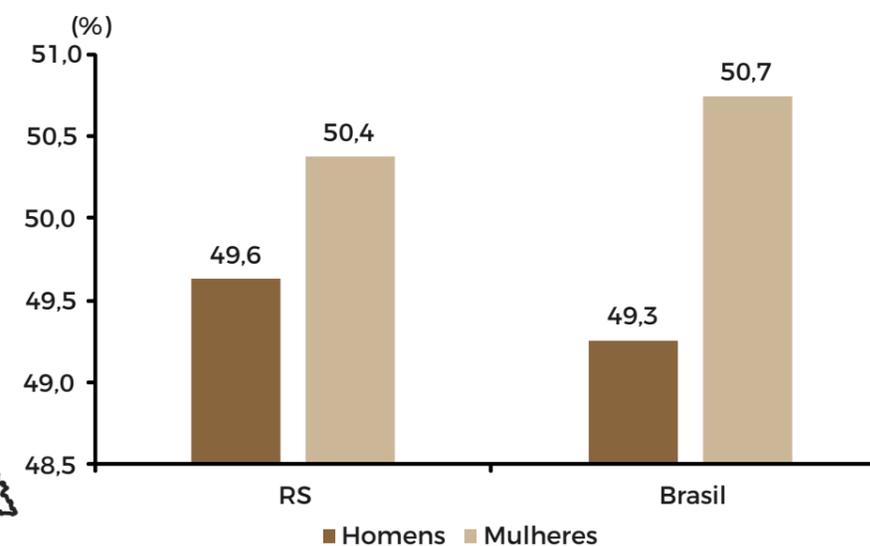


Coredes

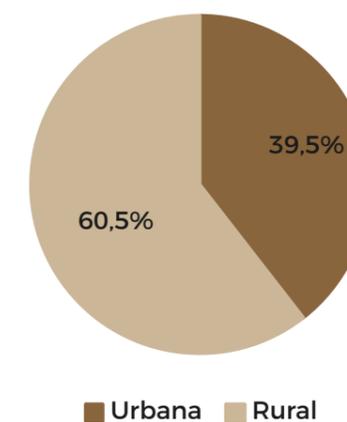
- | | |
|-------------------------------|---------------------------------|
| 1 Alto Jacuí | 15 Produção |
| 2 Campanha | 16 Serra |
| 3 Central | 17 Sul |
| 4 Centro-Sul | 18 Vale do Caí |
| 5 Fronteira Noroeste | 19 Vale do Rio dos Sinos |
| 6 Fronteira Oeste | 20 Vale do Rio Pardo |
| 7 Hortênsias | 21 Vale do Taquari |
| 8 Litoral | 22 Metropolitano Delta do Jacuí |
| 9 Médio Alto Uruguai | 23 Alto da Serra do Batucará |
| 10 Missões | 24 Jacuí-Centro |
| 11 Nordeste | 25 Campos de Cima da Serra |
| 12 Noroeste Colonial | 26 Rio da Várzea |
| 13 Norte | 27 Vale do Jaguari |
| 14 Paranhana-Encosta da Serra | 28 Celeiro |



Pessoas indígenas, por sexo, no Brasil e no RS – 2022



Pessoas indígenas, por situação do domicílio, no RS – 2022



No Censo de 2022, o IBGE realizou algumas mudanças metodológicas relacionadas ao mapeamento das populações indígenas.¹ Essas alterações incluem a expansão da cobertura territorial, a participação indígena na cobertura censitária, o instrumento de coleta específico e a aplicação ampliada na pergunta sobre autodeclaração. Essas mudanças resultaram em um aumento expressivo na população indígena recenseada no Brasil: de 896.917 em 2010 para 1.693.535 em 2022, um crescimento de 88%, atribuído principalmente à melhoria metodológica e à ampliação da cobertura.

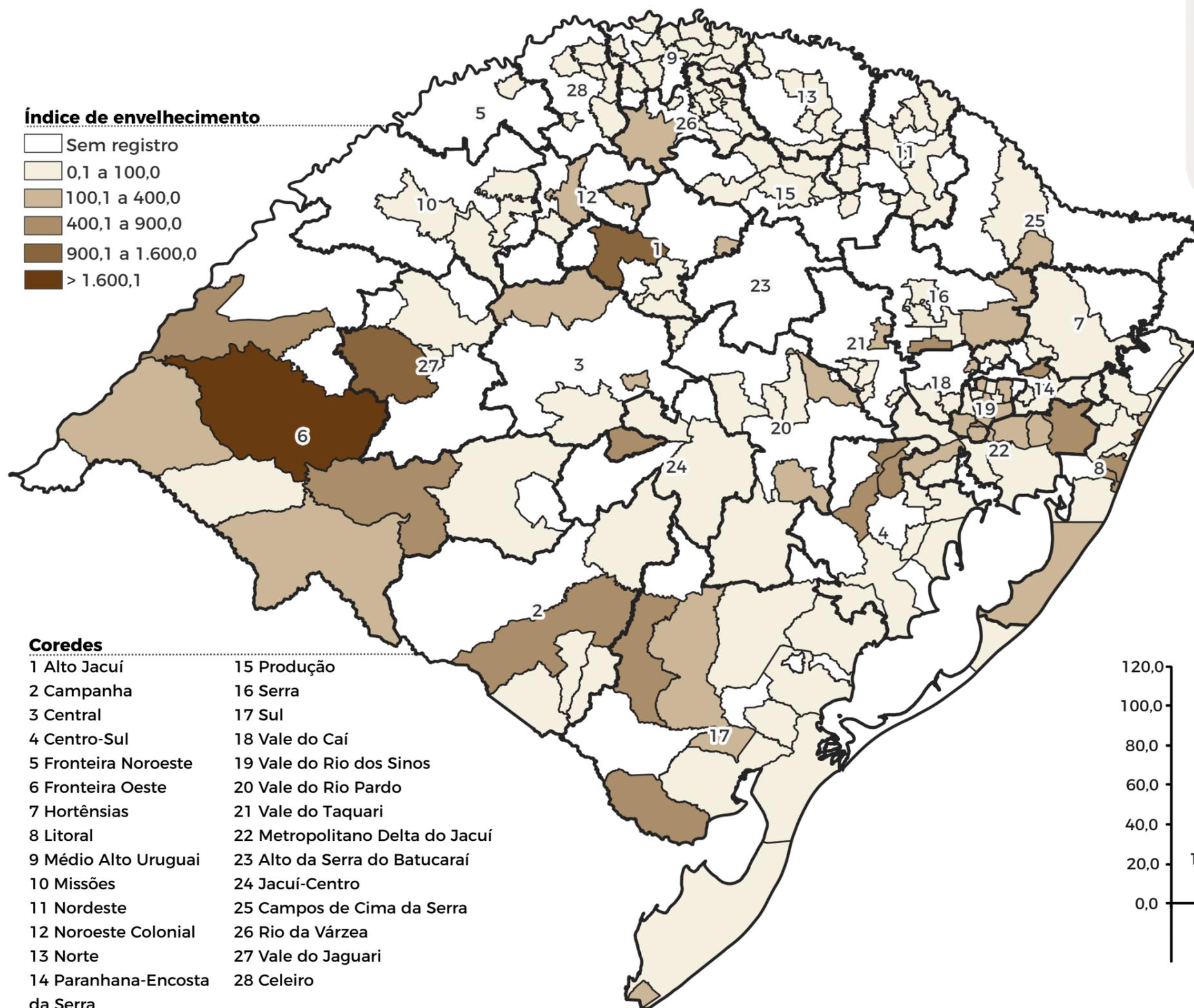
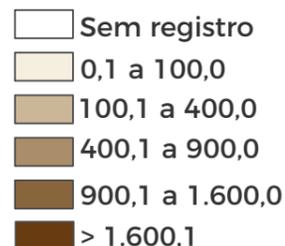
¹ As informações completas sobre a metodologia adotada para o recenseamento da população indígena, bem como os primeiros resultados do universo, estão disponíveis em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102155.pdf>.

O **índice de envelhecimento** é um indicador demográfico que mede a proporção de pessoas idosas (com 60 anos ou mais), em relação à população jovem (com menos de 15 anos), em uma determinada região ou país. Valores altos do índice indicam uma população mais envelhecida.

Os dados do Censo 2022 revelam uma diferença marcante nos níveis de envelhecimento da população indígena no Brasil e no Rio Grande do Sul, conforme o local de moradia (urbano/rural) e a situação territorial (residente em áreas indígenas ou fora delas).

O índice de envelhecimento total no RS (39,3) era ligeiramente superior ao nacional (35,6) em 2022. O mesmo ocorreu nos recortes analisados: entre os residentes em terras indígenas, o índice foi de 15,1 no RS e de 14,5, no Brasil. Para aqueles que residiam fora dessas áreas, a diferença foi mais elevada: 56,4 para o Brasil e 67,1 para o RS).

Índice de envelhecimento



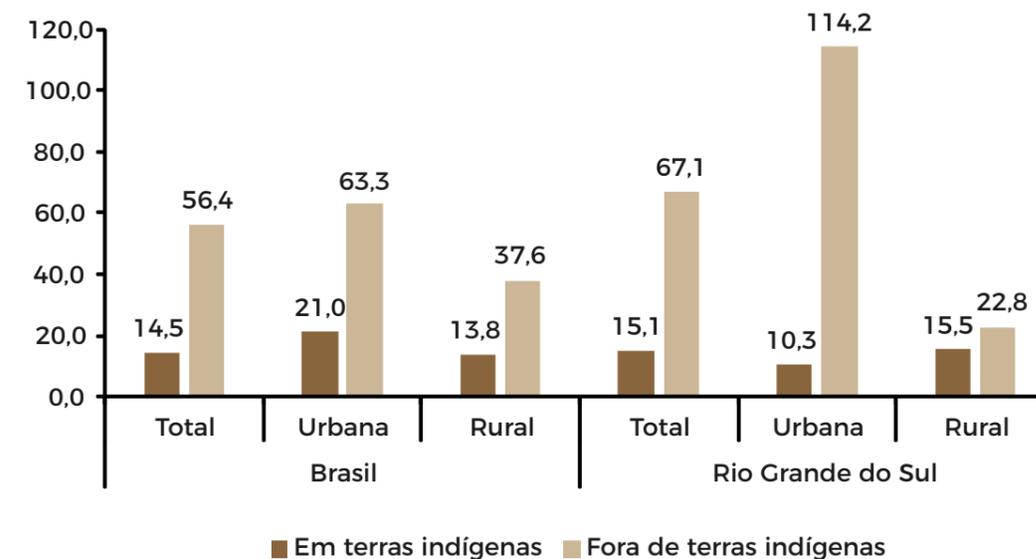
Coredes

- | | |
|-------------------------------|---------------------------------|
| 1 Alto Jacuí | 15 Produção |
| 2 Campanha | 16 Serra |
| 3 Central | 17 Sul |
| 4 Centro-Sul | 18 Vale do Caí |
| 5 Fronteira Noroeste | 19 Vale do Rio dos Sinos |
| 6 Fronteira Oeste | 20 Vale do Rio Pardo |
| 7 Hortênsias | 21 Vale do Taquari |
| 8 Litoral | 22 Metropolitano Delta do Jacuí |
| 9 Médio Alto Uruguai | 23 Alto da Serra do Batucará |
| 10 Missões | 24 Jacuí-Centro |
| 11 Nordeste | 25 Campos de Cima da Serra |
| 12 Noroeste Colonial | 26 Rio da Várzea |
| 13 Norte | 27 Vale do Jaguari |
| 14 Paranhana-Encosta da Serra | 28 Celeiro |

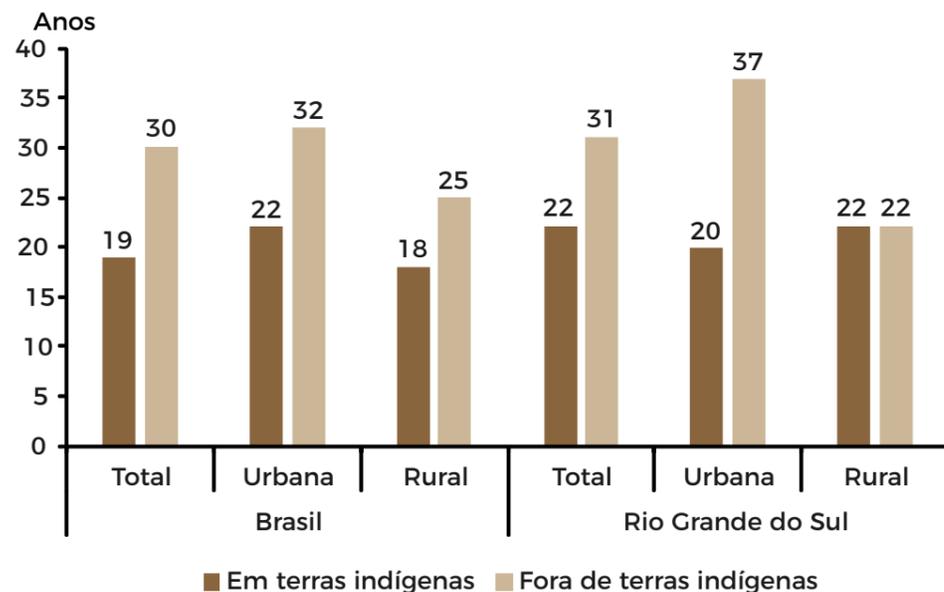
O município que apresentou o maior grau de envelhecimento da população indígena, no RS, em 2022, foi Alegrete, com um índice de 2.400, seguido de Imbé (1.600), São Francisco de Assis (1.300) e Cruz Alta (1.200).

Por outro lado, os municípios com os menores índices de envelhecimento foram Muliterno (5,8), Estrela Velha (6,6), Cruzeiro do Sul (6,8) e Gentil (6,9).

Índice de envelhecimento de indígenas, por localização e situação do domicílio, no Brasil e no RS – 2022



Idade mediana de indígenas, por localização e situação do domicílio, no Brasil e no RS – 2022



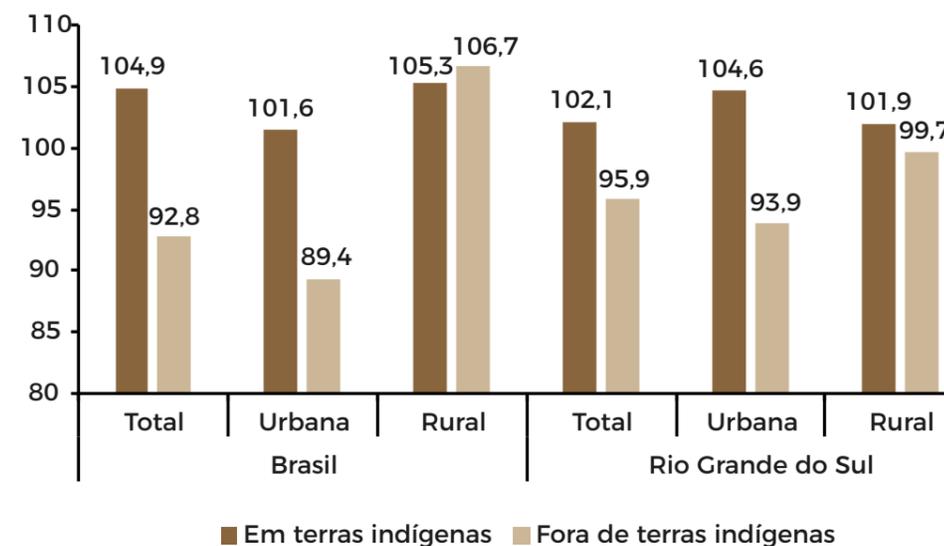
Os dados do Censo 2022 mostram que a população residente em terras indígenas era mais jovem do que a que vivia fora delas, tanto no Brasil quanto no Rio Grande do Sul. No estado, a idade mediana era 26 anos no total dos residentes em terras indígenas e 31 anos entre os que viviam fora delas – padrão semelhante ao nacional. Chama atenção a disparidade etária entre os indígenas nos meios urbano e rural. Nas cidades gaúchas, indígenas residentes fora de terras indígenas apresentavam uma mediana de 37 anos, enquanto a mediana daqueles de terras indígenas era de apenas 20 anos. Já no meio rural gaúcho, a idade mediana era igual entre os que moravam em áreas indígenas e fora delas: 22 anos.

A análise dos dados da razão de sexo da população indígena no Rio Grande do Sul revela uma dinâmica bastante equilibrada, embora com variações que dependem da localização e da situação do domicílio. Em 2022, no total da população indígena do estado, a razão de sexo era de 98,5, indicando um número ligeiramente maior de mulheres – para cada 100 mulheres, existiam 98,5 homens.

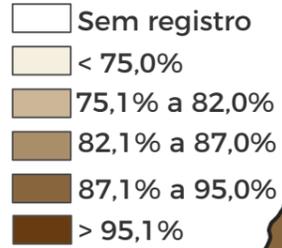
Com relação à **localização**, existia uma clara diferença entre as populações residentes em áreas indígenas e fora delas. Nas áreas indígenas, havia uma predominância de homens, com uma razão de sexo de 102,1, enquanto, fora dessas áreas, a população feminina era maior, com uma razão de 95,9.

Existiam diferenças também relacionadas à **situação do domicílio**. A população indígena urbana total era mais feminina que a rural, com uma razão de sexo de 94,6, contra 101,7. No Rio Grande do Sul, a população residente dentro das áreas indígenas apresentou uma composição diferente da população indígena total, sendo mais masculina, com uma razão de 104,6. Já a população indígena urbana residente fora dessas áreas era mais feminina, acompanhando o comportamento da população total, com uma razão de sexo de 93,9, a mais baixa entre os grupos analisados.

Razão de sexo da população indígena, por localização e situação do domicílio, no Brasil e no RS – 2022

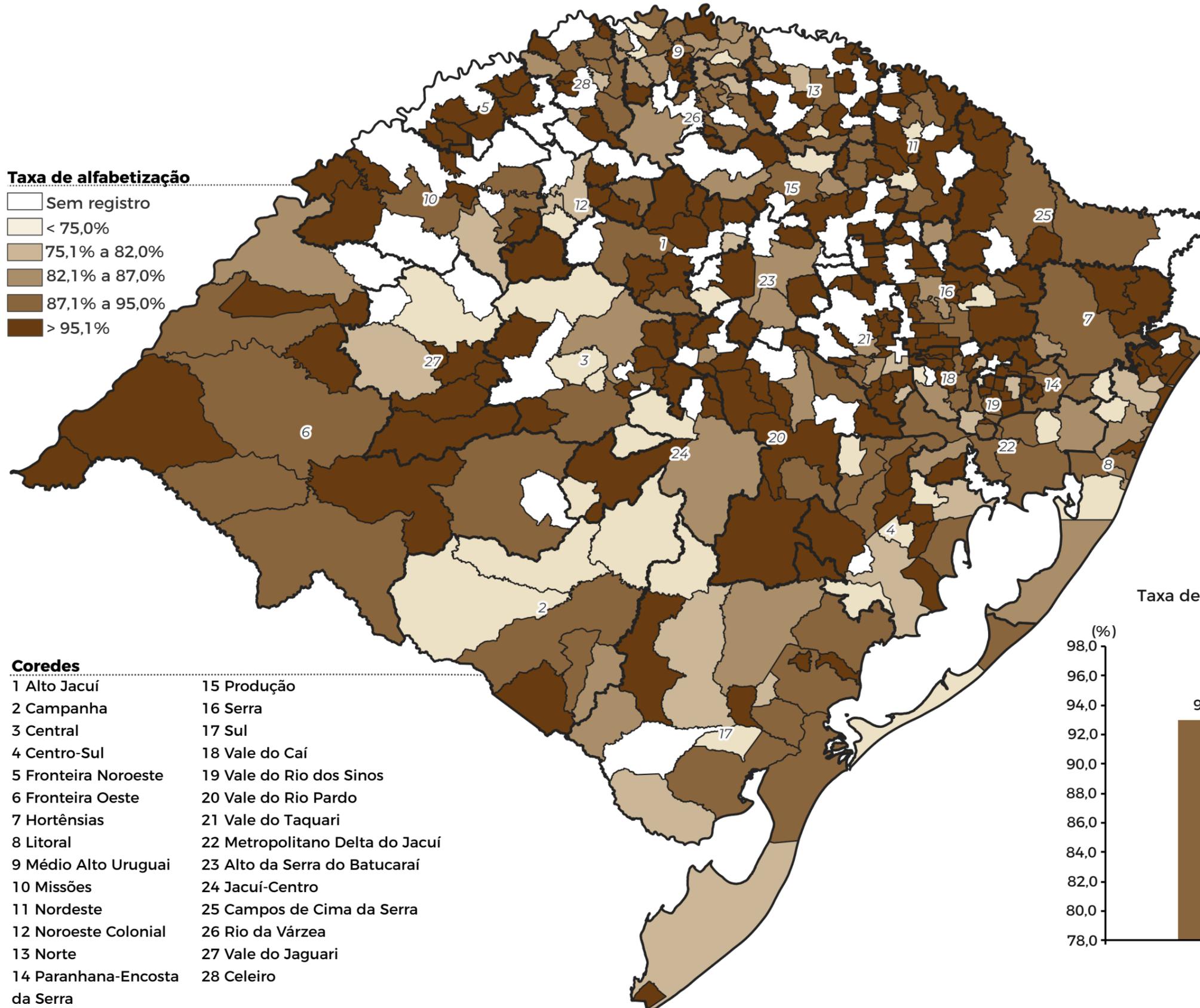


Taxa de alfabetização



Coredes

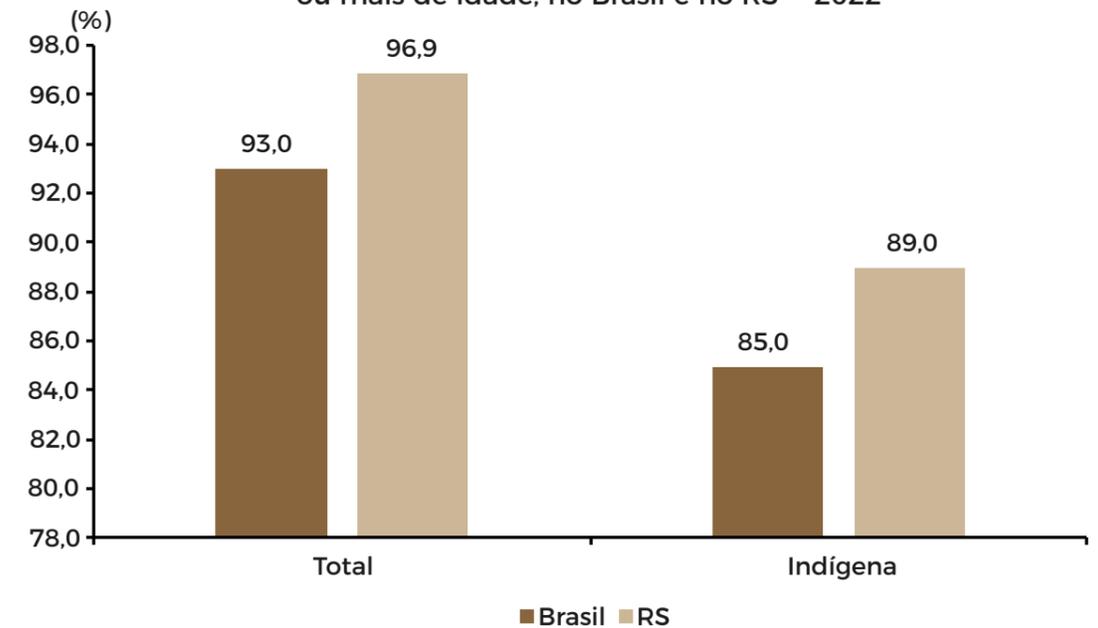
- | | |
|-------------------------------|---------------------------------|
| 1 Alto Jacuí | 15 Produção |
| 2 Campanha | 16 Serra |
| 3 Central | 17 Sul |
| 4 Centro-Sul | 18 Vale do Caí |
| 5 Fronteira Noroeste | 19 Vale do Rio dos Sinos |
| 6 Fronteira Oeste | 20 Vale do Rio Pardo |
| 7 Hortênsias | 21 Vale do Taquari |
| 8 Litoral | 22 Metropolitano Delta do Jacuí |
| 9 Médio Alto Uruguai | 23 Alto da Serra do Batucará |
| 10 Missões | 24 Jacuí-Centro |
| 11 Nordeste | 25 Campos de Cima da Serra |
| 12 Noroeste Colonial | 26 Rio da Várzea |
| 13 Norte | 27 Vale do Jaguari |
| 14 Paranhana-Encosta da Serra | 28 Celeiro |



De acordo com o Censo 2022, a taxa de alfabetização do Rio Grande do Sul superava a nacional, tanto entre os indígenas quanto na população total. No estado, a taxa era de 96,9% no total e 89,0% entre os indígenas. No país, essas taxas eram de 93,0% e 85,0% respectivamente.

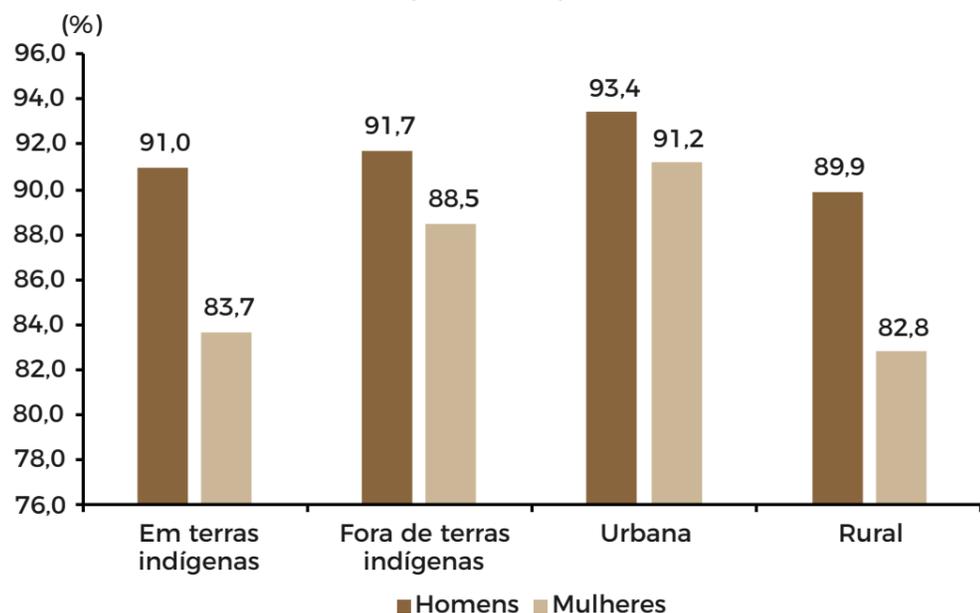
Apesar do melhor desempenho do estado com relação ao país, a disparidade entre indígenas e não indígenas é acentuada nos dois recortes territoriais.

Taxa de alfabetização da população, total e indígena, de 15 anos ou mais de idade, no Brasil e no RS – 2022

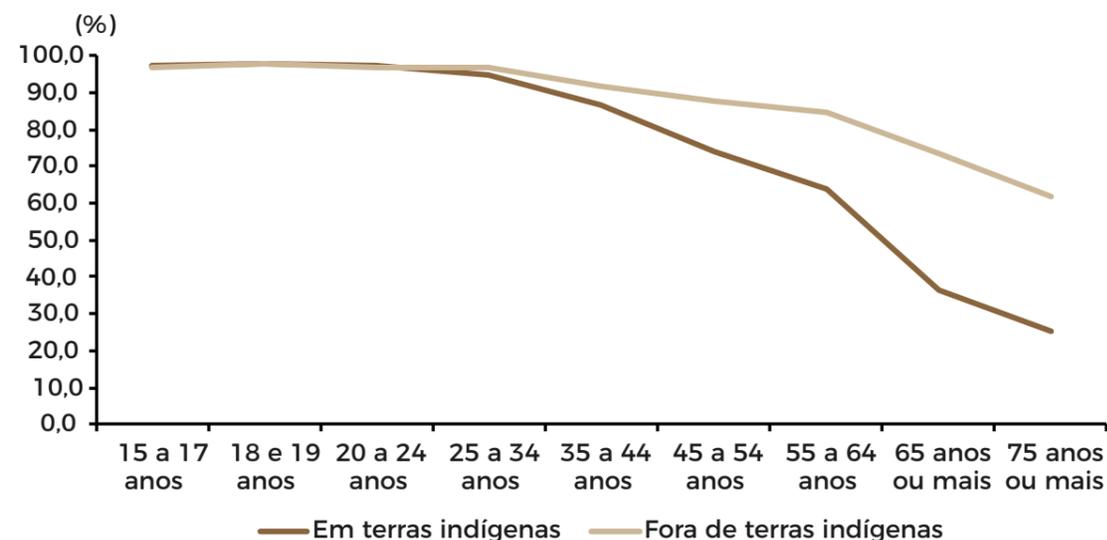


Em 2022, de maneira geral, os homens indígenas apresentavam uma taxa de alfabetização superior à das mulheres: 91,4% contra 86,6%. Essa diferença era ainda mais acentuada entre os que viviam em terras indígenas, onde a taxa de alfabetização era de 91,0% para os homens e de 83,7% para as mulheres. Já entre os indígenas residentes fora dessas áreas, os homens continuavam a registrar os maiores índices, mas ambos os sexos apresentavam taxas mais elevadas em comparação aos que viviam em terras indígenas: 91,7% para eles e 88,5% para elas. Esses dados sugerem que o acesso à educação tende a ser mais favorável fora das áreas indígenas. A análise por situação do domicílio também mostra variações relevantes: em área urbanas, a taxa de alfabetização era maior para ambos os sexos, alcançando 93,4% entre os homens e 91,2% entre as mulheres. Em contraponto, nas áreas rurais, essas taxas eram de 89,9% e 82,8% respectivamente.

Taxa de alfabetização da população indígena de 15 anos ou mais de idade, por sexo, localização e situação do domicílio, no RS – 2022

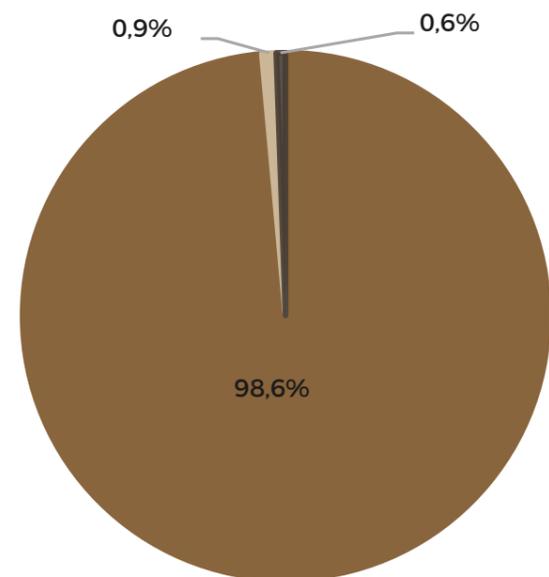


Taxa de alfabetização da população indígena de 15 anos ou mais de idade, por faixas etárias e localização do domicílio, no RS – 2022



A taxa de alfabetização da população indígena no Rio Grande do Sul, em 2022, era de 89%, revelando um padrão nitidamente geracional: os grupos mais jovens apresentavam índices significativamente mais altos que os mais velhos. Entre os indígenas de **15 a 17 anos**, a taxa de alfabetização chegava a 97,2%, enquanto, entre aqueles com **75 anos ou mais**, caía para apenas 52,8%. Esses dados indicam avanços no acesso à educação ao longo do tempo, especialmente entre as gerações mais recentes. No recorte territorial, observa-se que indígenas residentes fora de terras indígenas possuíam taxas de alfabetização superiores em quase todas as faixas etárias. A diferença entre os territórios começa a se evidenciar no grupo de **25 a 34 anos** e se acentua progressivamente com o aumento da idade.

Distribuição percentual dos moradores indígenas, por espécie de domicílio, no RS – 2022

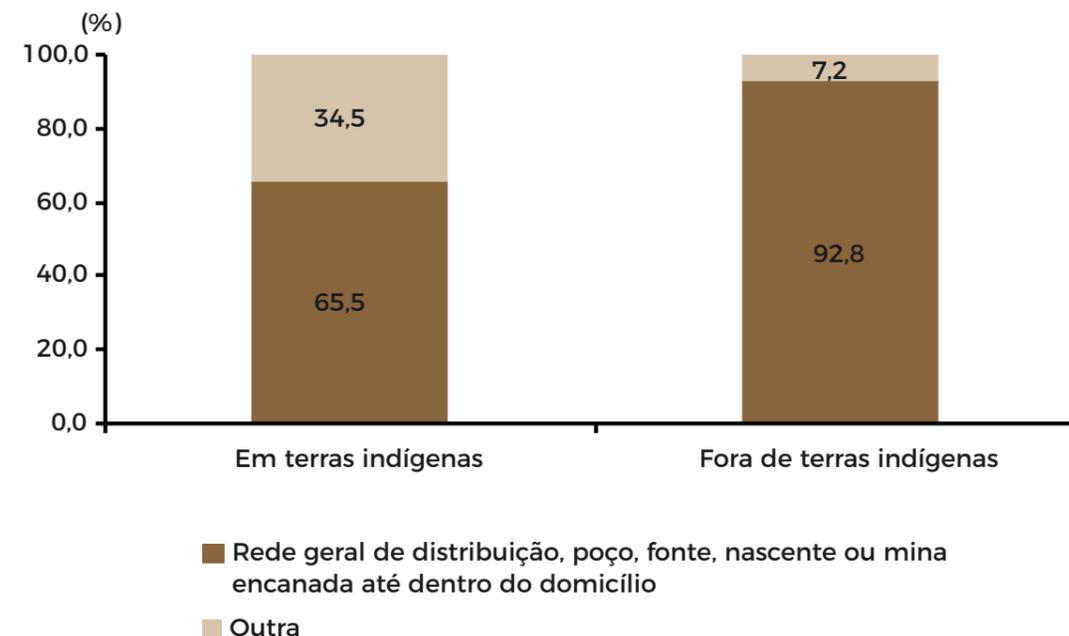


A imensa maioria da população indígena do Rio Grande do Sul vivia, em 2022, em domicílios particulares permanentes, representando 98,6% do total. Apenas 0,9% residia em domicílios improvisados, e 0,6%, em domicílios coletivos.

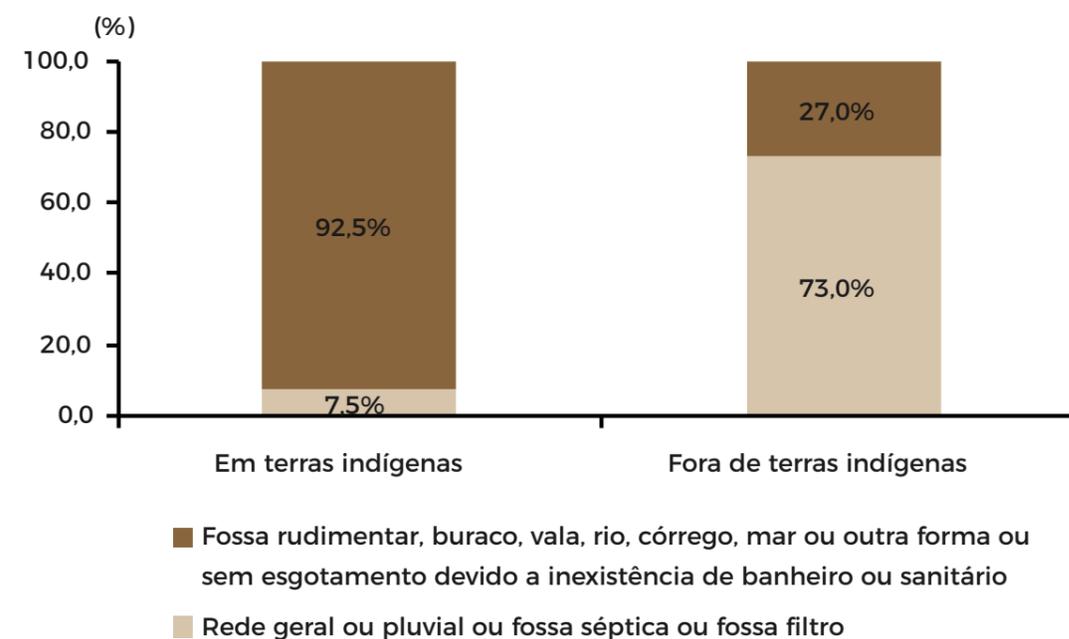
- Domicílio particular permanente ocupado
- Domicílio particular improvisado ocupado
- Domicílio coletivo - com morador

De acordo com os dados do Censo 2022, considerando a população indígena do Rio Grande do Sul, os moradores de terras indígenas enfrentavam desafios significativamente maiores em relação ao saneamento básico e ao abastecimento adequado de água, quando comparados àqueles que viviam fora desses territórios. Apenas 65,5% dos domicílios localizados em terras indígenas contavam com abastecimento de água por meio da rede geral, poço, fonte, nascente ou mina encanada até o interior da residência, enquanto esse percentual era de 92,8% entre os domicílios fora de terras indígenas. A situação do esgotamento sanitário é ainda mais crítica: somente 7,5% dos domicílios em terras indígenas dispunham de esgotamento por rede geral, pluvial, fossa séptica ou fossa filtro, sendo que os demais 92,5% recorriam a soluções precárias, como fossas rudimentares, buracos, valas, cursos d'água, ou sequer possuíam qualquer tipo de esgotamento. Em contraste, entre os domicílios fora de terras indígenas, 73% contavam com formas adequadas de esgotamento, embora 27% ainda enfrentassem condições precárias.

Domicílios particulares permanentes ocupados com pelo menos um morador indígena, por principal forma de abastecimento de água e localização, no RS – 2022

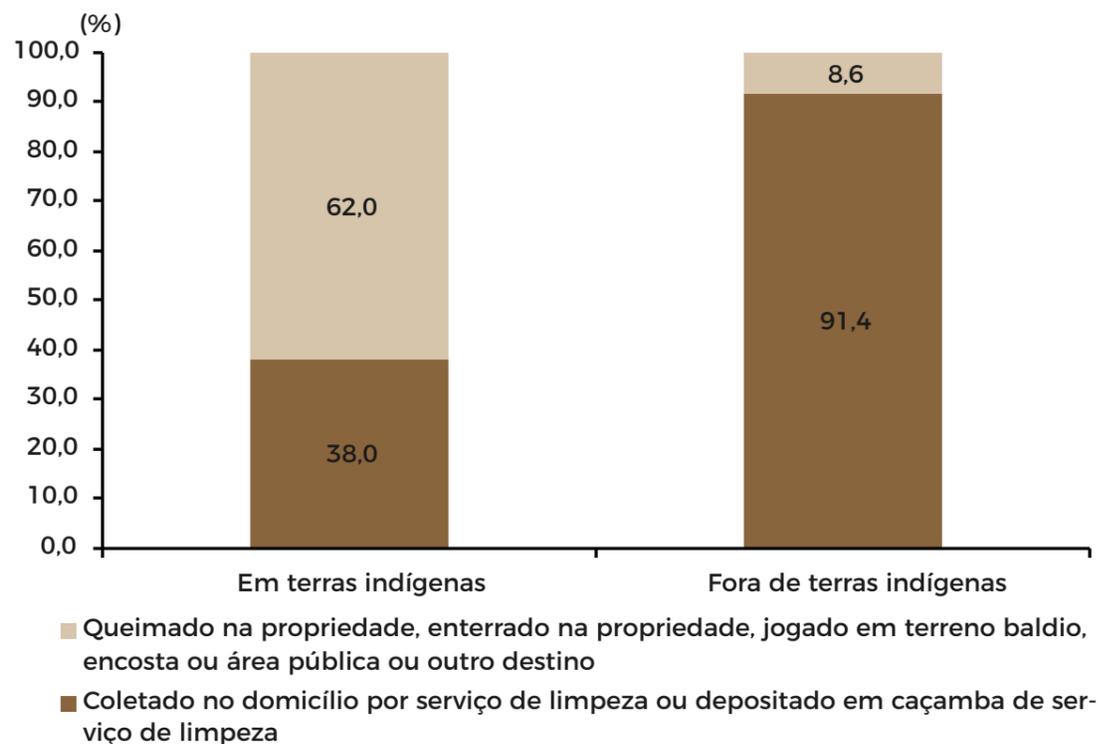


Domicílios particulares permanentes ocupados com pelo menos um morador indígena, por tipo de esgotamento sanitário e localização, no RS – 2022

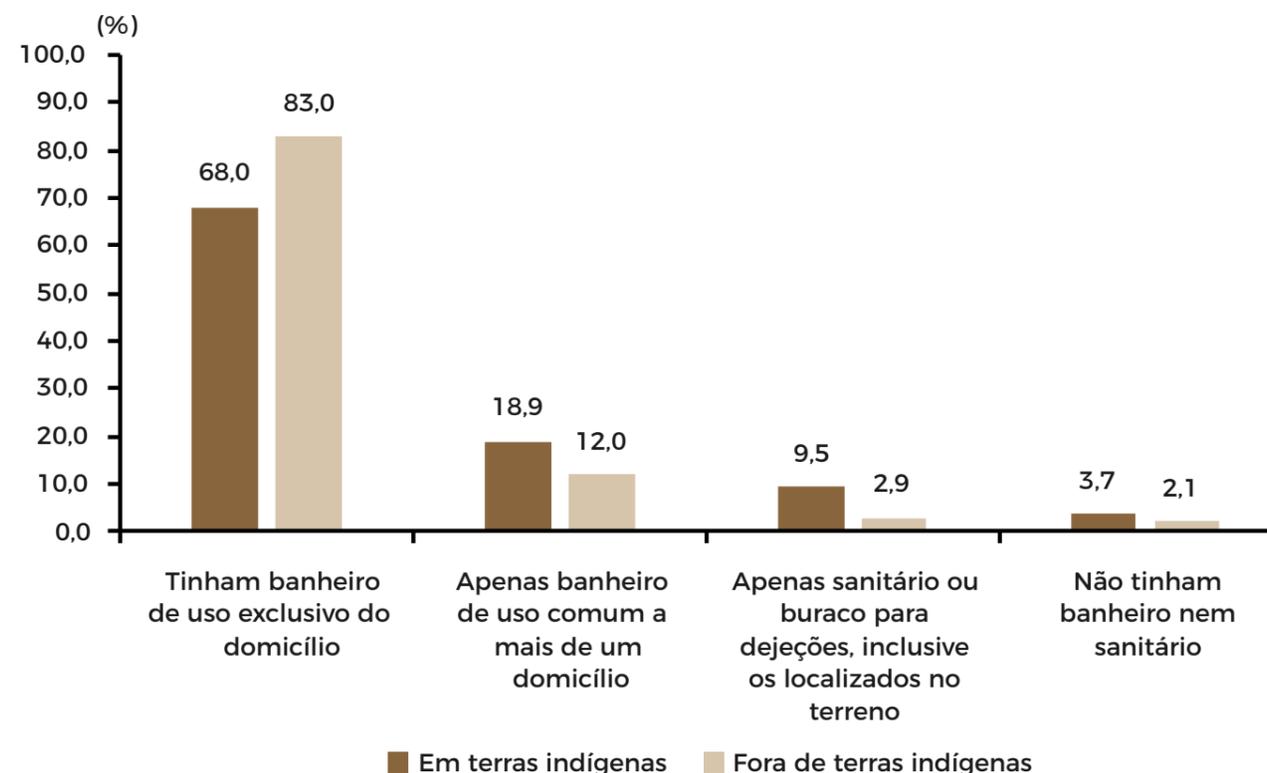


Os dados do Censo 2022 sobre o destino do lixo em domicílios com pelo menos um morador indígena no Rio Grande do Sul evidenciam profundas desigualdades estruturais entre aqueles que viviam em terras indígenas e os que residiam fora desses territórios. Enquanto apenas 38,0% dos domicílios em terras indígenas contavam com coleta de lixo realizada por serviços de limpeza, a maioria (62,0%) ainda dependia de formas inadequadas de descarte, como queima, enterramento, ou despejo em terrenos baldios e áreas públicas. Em contraste, entre os domicílios fora de terras indígenas, 91,4% tinham acesso à coleta regular de resíduos, e apenas 8,6% recorriam a práticas alternativas, muitas vezes prejudiciais ao meio ambiente e à saúde pública.

Domicílios particulares permanentes ocupados com pelo menos um morador indígena, por destino do lixo e localização do domicílio, no RS – 2022

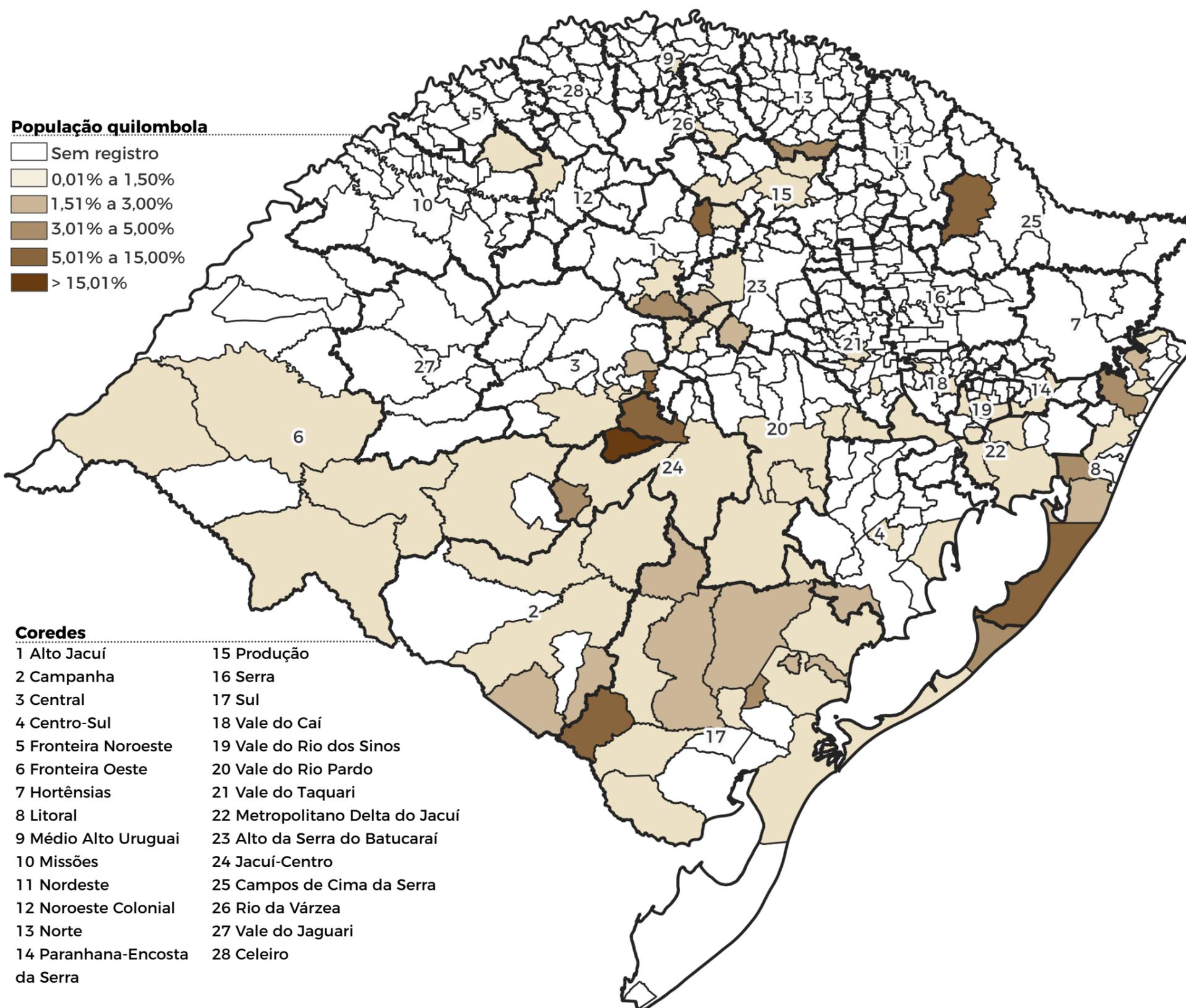


Domicílios particulares permanentes ocupados com pelo menos um morador indígena, por existência de banheiro ou sanitário e localização do domicílio, no RS – 2022

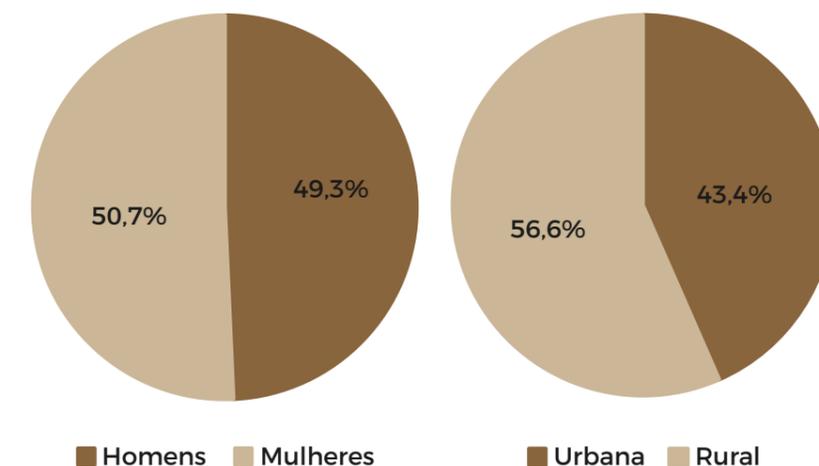


A infraestrutura sanitária nos domicílios com moradores indígenas no Rio Grande do Sul revela disparidades significativas entre aqueles que viviam em terras indígenas e os que residiam fora desses territórios em 2022. Entre os que viviam em terras indígenas, apenas 68,0% contavam com banheiro de uso exclusivo no domicílio, enquanto 18,9% utilizavam instalações de uso comum, 9,5% dispunham apenas de sanitário rudimentar ou buraco para dejeções, e 3,7% não possuíam qualquer tipo de banheiro ou sanitário. Em contraste, nos domicílios fora de terras indígenas, a situação era estruturalmente mais favorável: 83,0% contavam com banheiro exclusivo e apenas 2,1% não tinham instalação sanitária.

Segundo os dados do Censo 2022, o Rio Grande do Sul contava com uma população quilombola de 17.552 pessoas. As mulheres representavam uma leve maioria, correspondendo a 50,7% desse total. Além disso, a maior parte dessa população (56,6%) residia em áreas rurais.

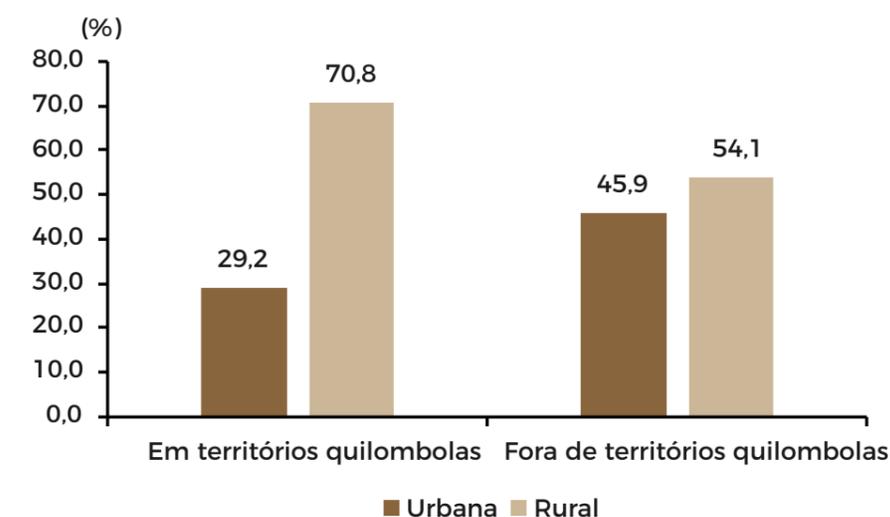


População quilombola, por sexo e situação do domicílio, no RS – 2022

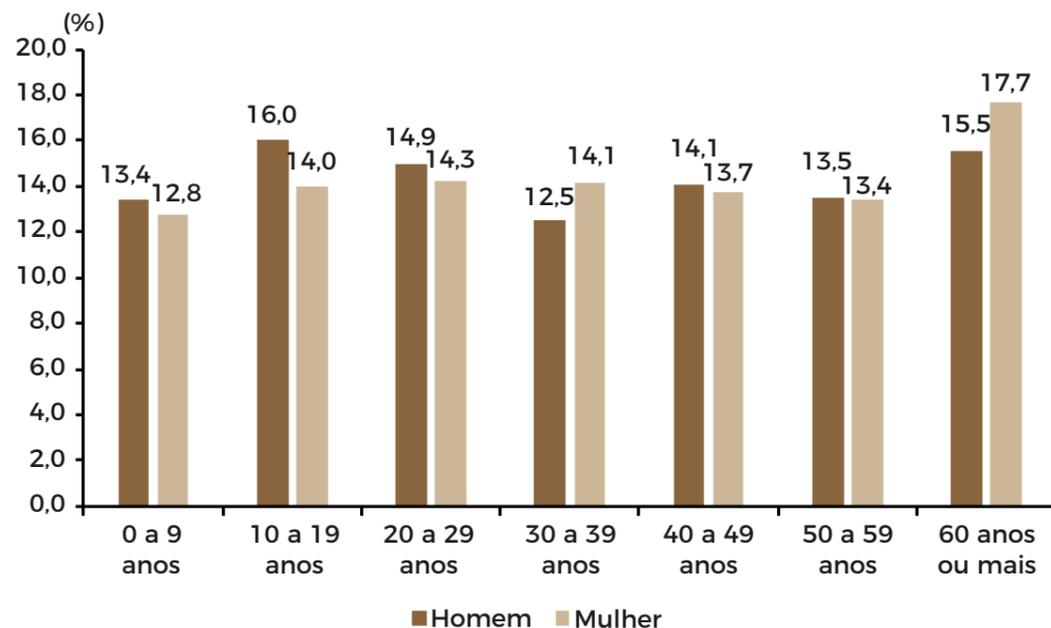


Em 2022, no Rio Grande do Sul, cerca de 15% da população quilombola viviam em territórios oficialmente reconhecidos como quilombolas. Entre os residentes desses territórios, 70,8% estavam situados em áreas rurais. Já entre os quilombolas que viviam fora desses territórios, 54,1% também tinham como local de moradia a zona rural.

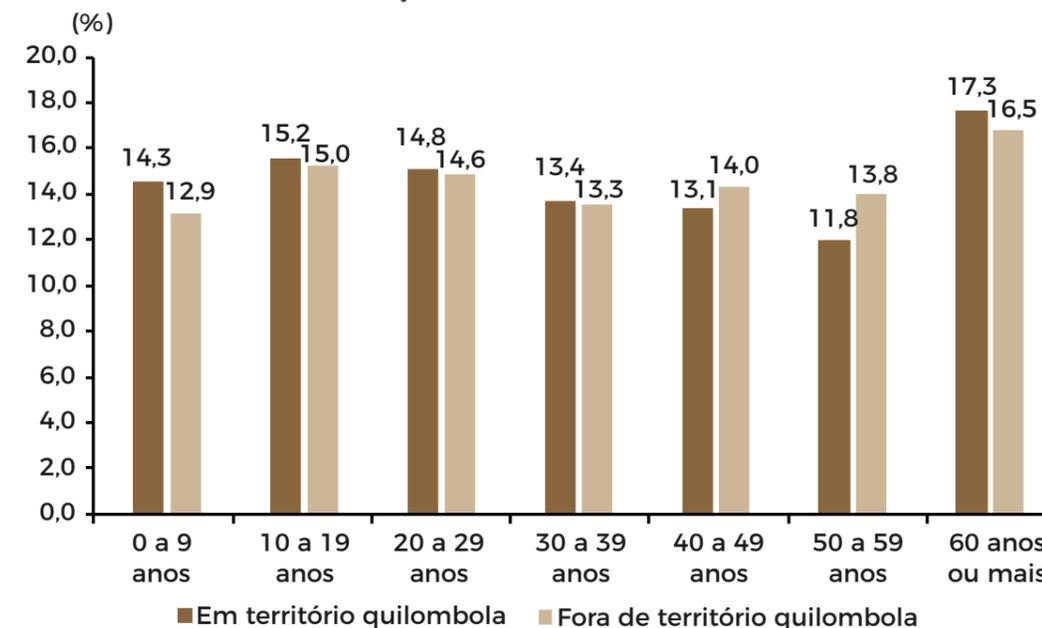
População quilombola residente, por localização e situação do domicílio, no RS – 2022



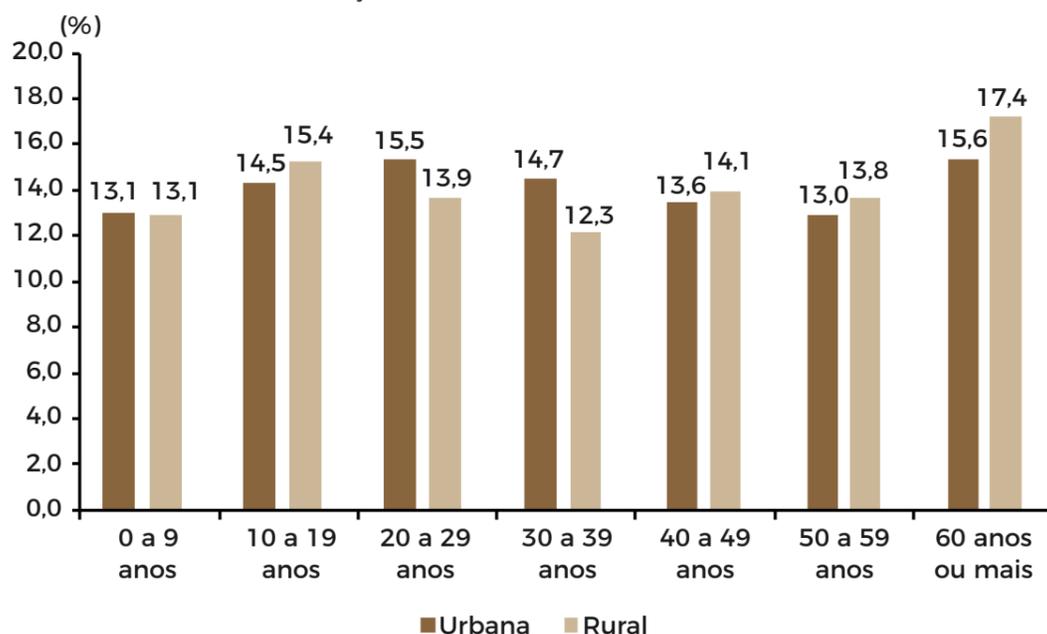
População quilombola residente, por faixa etária e sexo, no RS – 2022



População quilombola residente, por faixa etária e localização do domicílio, no RS – 2022

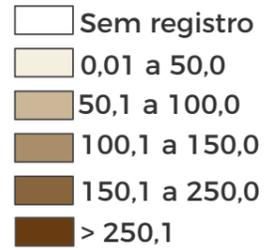


População quilombola residente, por faixa etária e situação do domicílio, no RS – 2022



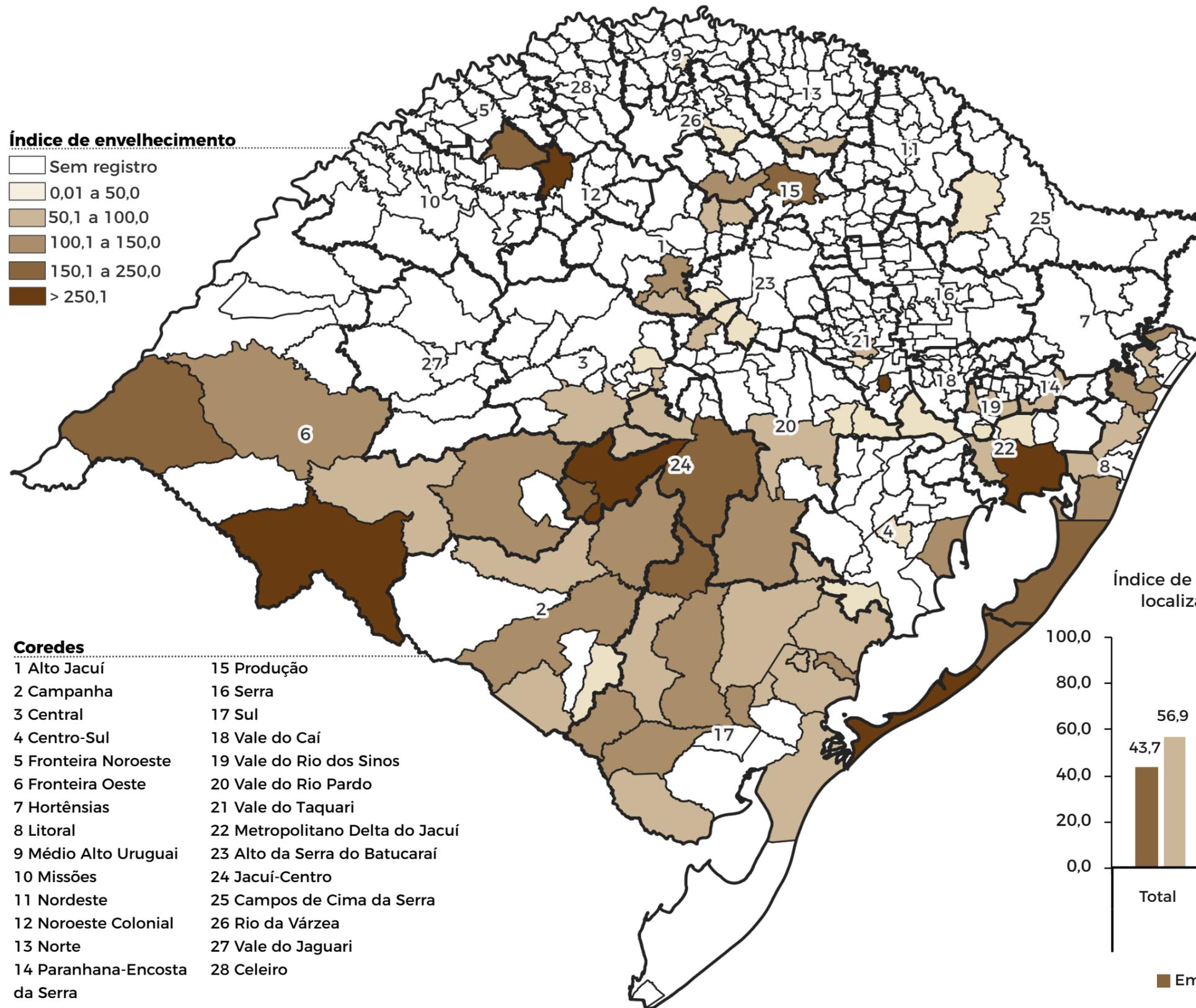
A distribuição etária da população quilombola no Rio Grande do Sul era relativamente equilibrada em 2022. A maior concentração estava entre os idosos com **60 anos ou mais**, que representam 16,6% do total. As faixas de **10 a 19 anos** (15,0%) e de **20 a 29 anos** (14,6%) também apresentavam participação significativa. Observa-se que os homens predominavam na faixa de **10 a 19 anos** (16,0%), enquanto as mulheres eram maioria entre os idosos (17,7%). Quanto à situação do domicílio, a população quilombola urbana destacava-se nas faixas etárias de **20 a 39 anos**, ao passo que a população rural apresentava maiores proporções entre as faixas de **10 a 19 anos** (15,4%) e idosos (17,4%). Já os residentes em territórios quilombolas possuíam um perfil mais envelhecido, com 17,3% tendo **60 anos ou mais**, em comparação a 16,5% entre aqueles que viviam fora desses territórios.

Índice de envelhecimento



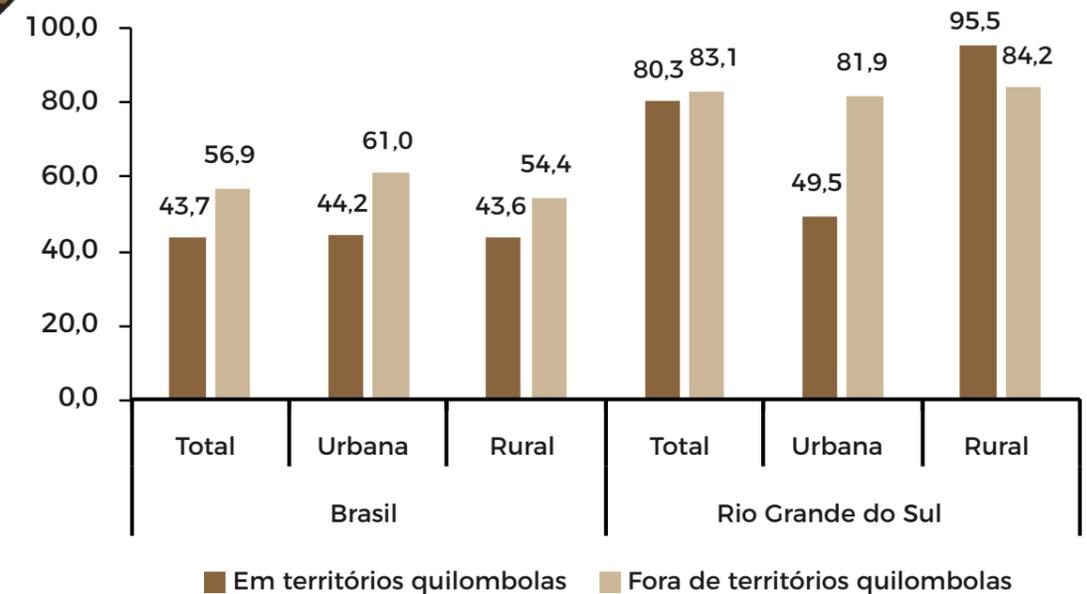
Coredes

- | | |
|-------------------------------|---------------------------------|
| 1 Alto Jacuí | 15 Produção |
| 2 Campanha | 16 Serra |
| 3 Central | 17 Sul |
| 4 Centro-Sul | 18 Vale do Caí |
| 5 Fronteira Noroeste | 19 Vale do Rio dos Sinos |
| 6 Fronteira Oeste | 20 Vale do Rio Pardo |
| 7 Hortênsias | 21 Vale do Taquari |
| 8 Litoral | 22 Metropolitano Delta do Jacuí |
| 9 Médio Alto Uruguai | 23 Alto da Serra do Batucará |
| 10 Missões | 24 Jacuí-Centro |
| 11 Nordeste | 25 Campos de Cima da Serra |
| 12 Noroeste Colonial | 26 Rio da Várzea |
| 13 Norte | 27 Vale do Jaguari |
| 14 Paranhana-Encosta da Serra | 28 Celeiro |



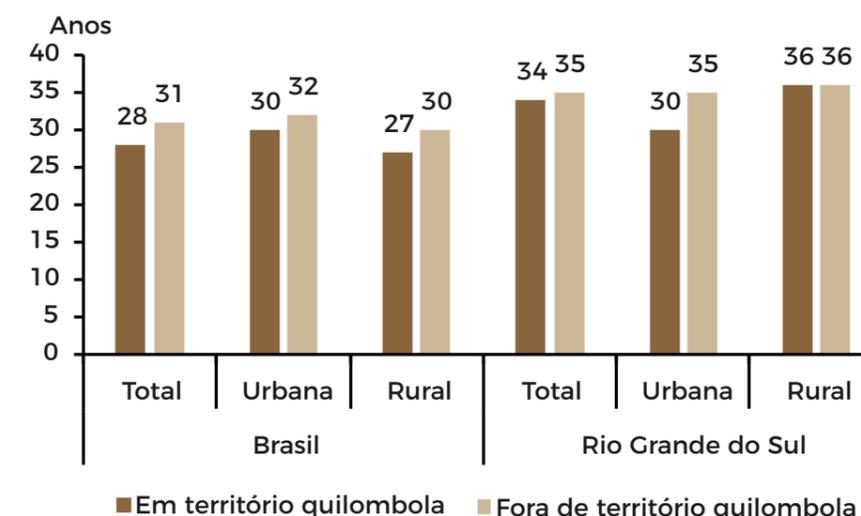
No Rio Grande do Sul, em 2022, o índice de envelhecimento da população quilombola era significativamente superior à média nacional, atingindo 82,7. A maior disparidade ocorria na área urbana: enquanto o índice geral era de 77,9, ele caía para 49,5 nos territórios quilombolas e subia para 81,9 fora deles. Na zona rural, observa-se um fenômeno inverso: o índice de envelhecimento dentro dos territórios quilombolas (95,5) superava o registrado fora deles (84,2), revelando um envelhecimento mais acentuado da população quilombola rural no estado. Esse padrão contrasta com a tendência nacional, que costuma apresentar territórios quilombolas com uma população mais jovem.

Índice de envelhecimento da população quilombola residente, por localização e situação do domicílio, no Brasil e no RS – 2022

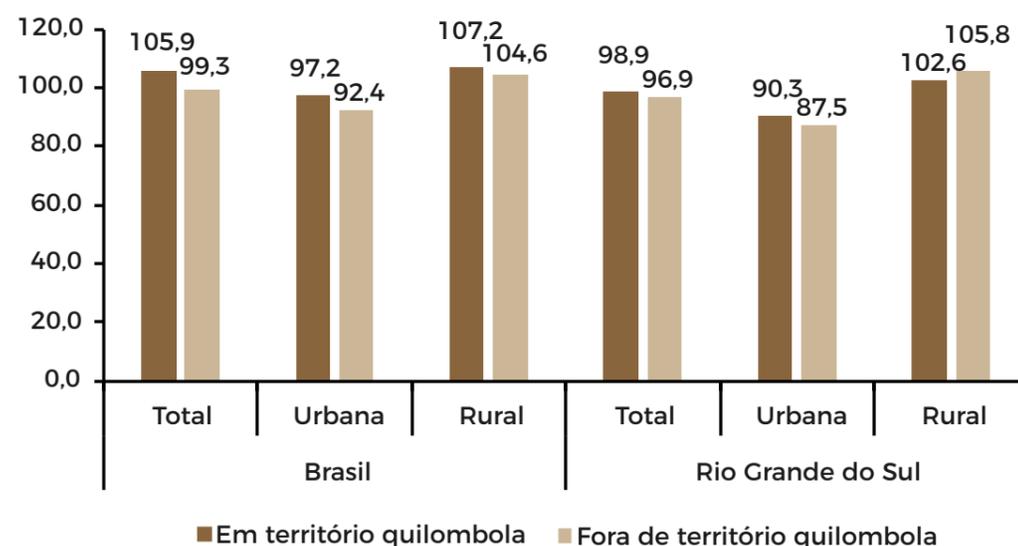


Em 2022, no Rio Grande do Sul, a razão de sexo da população quilombola – número de homens para cada 100 mulheres – era de 97,2, indicando uma leve predominância feminina. Essa diferença era mais acentuada nas áreas urbanas, que tinha uma razão de 87,7 evidenciando uma maioria ainda mais expressiva de mulheres. Já nas áreas rurais, o padrão era inverso: com uma razão de 105,2, observa-se predominância masculina. Nos territórios quilombolas do estado, a razão de sexo era de 98,86, revelando um cenário relativamente equilibrado, com leve maioria feminina. Esse equilíbrio desdobrava-se em 90,3 nas áreas urbanas (predominância feminina) e 102,6 nas rurais (predominância masculina), reforçando o padrão observado no estado como um todo. Em comparação, a população quilombola brasileira apresentava uma razão de sexo total de 100,1 – praticamente equilibrada, mas com predominância masculina nos territórios quilombolas, especialmente nas áreas rurais, onde o índice chegava a 107,2.

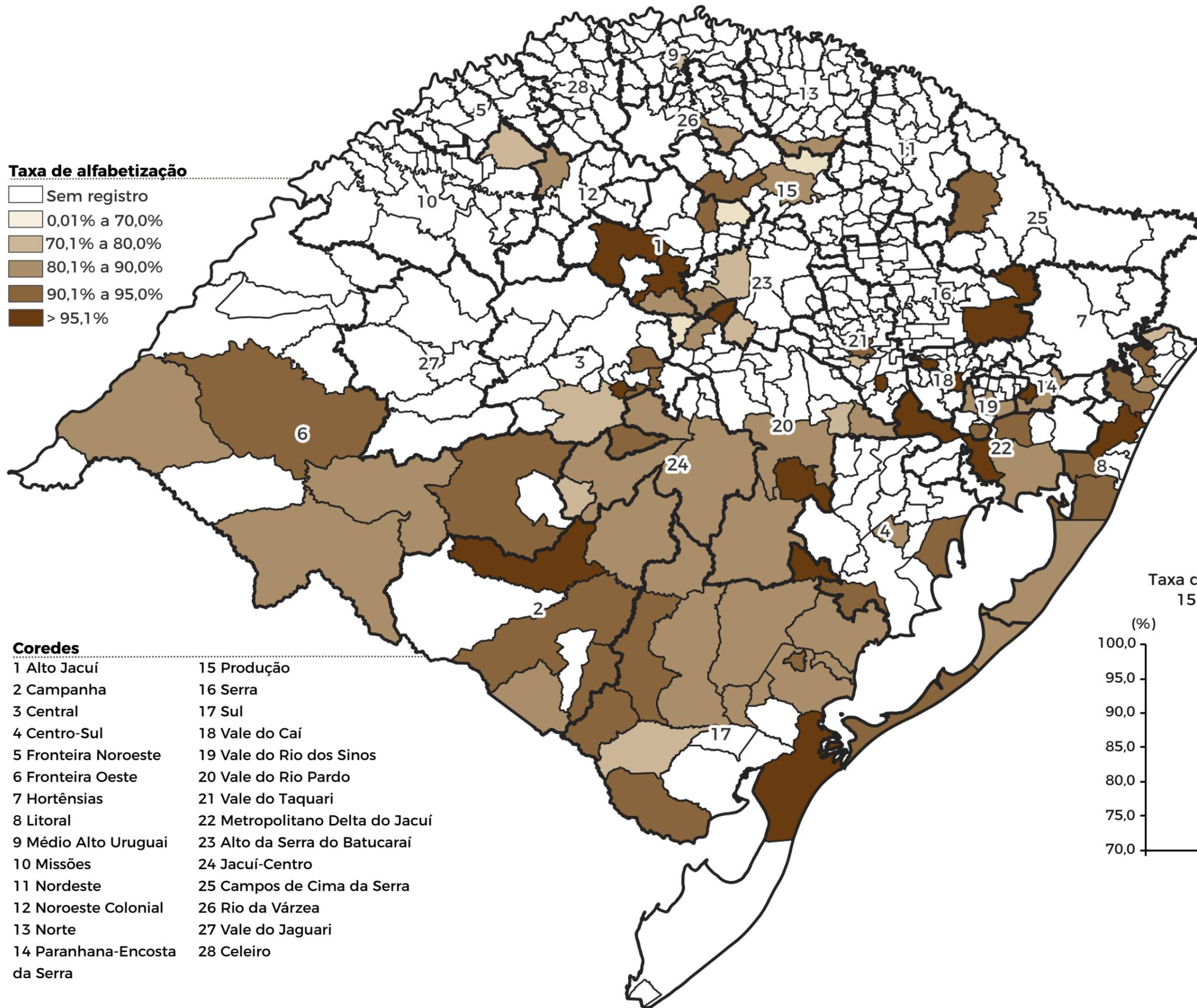
Idade mediana da população quilombola, por localização e situação do domicílio, no Brasil e no RS – 2022



Razão de sexo da população quilombola, por localização e situação do domicílio, no Brasil e no RS – 2022

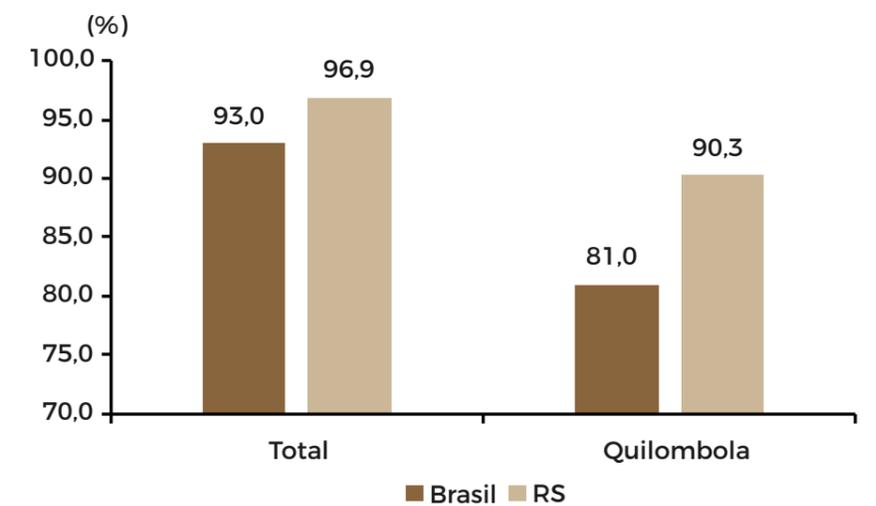


A análise da idade mediana confirma o padrão identificado nos índices de envelhecimento. No Brasil, a idade mediana da população quilombola era, em 2022, de 31 anos, sendo 28 anos nos territórios quilombolas e 31 anos fora deles. No Rio Grande do Sul, a idade mediana era 35 anos para a população quilombola total, com uma diferença menos acentuada entre os residentes dentro e fora dos territórios quilombolas. Na zona rural do estado, a idade mediana era de 36 anos tanto para os que viviam em territórios quilombolas quanto para os que residiam fora deles, evidenciando um envelhecimento populacional mais homogêneo no meio rural gaúcho – em contraste com a tendência nacional, que geralmente apresentava territórios quilombolas com uma população mais jovem.

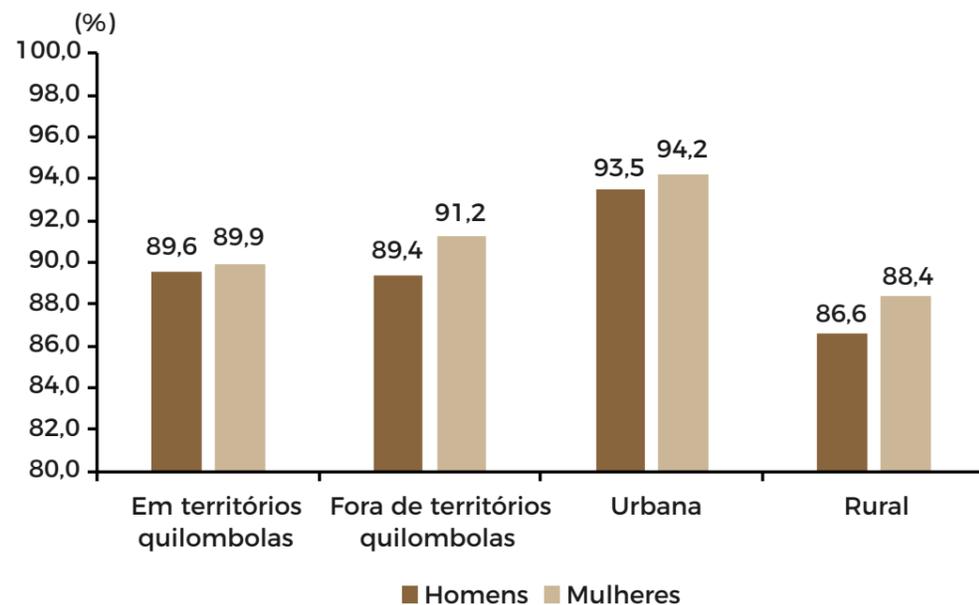


Em 2022, no Rio Grande do Sul, os indicadores de alfabetização superaram a média nacional tanto entre a população geral quanto entre os quilombolas. A taxa de alfabetização dos quilombolas no estado alcançou 90,3%, enquanto a média nacional era de 81,0%. Apesar do desempenho mais positivo no RS, ainda persistia uma desigualdade interna: a taxa entre os quilombolas permaneceu cerca de 7 pontos percentuais abaixo da média estadual.

Taxa de alfabetização da população total e quilombola de 15 anos ou mais de idade, no Brasil e no RS – 2022



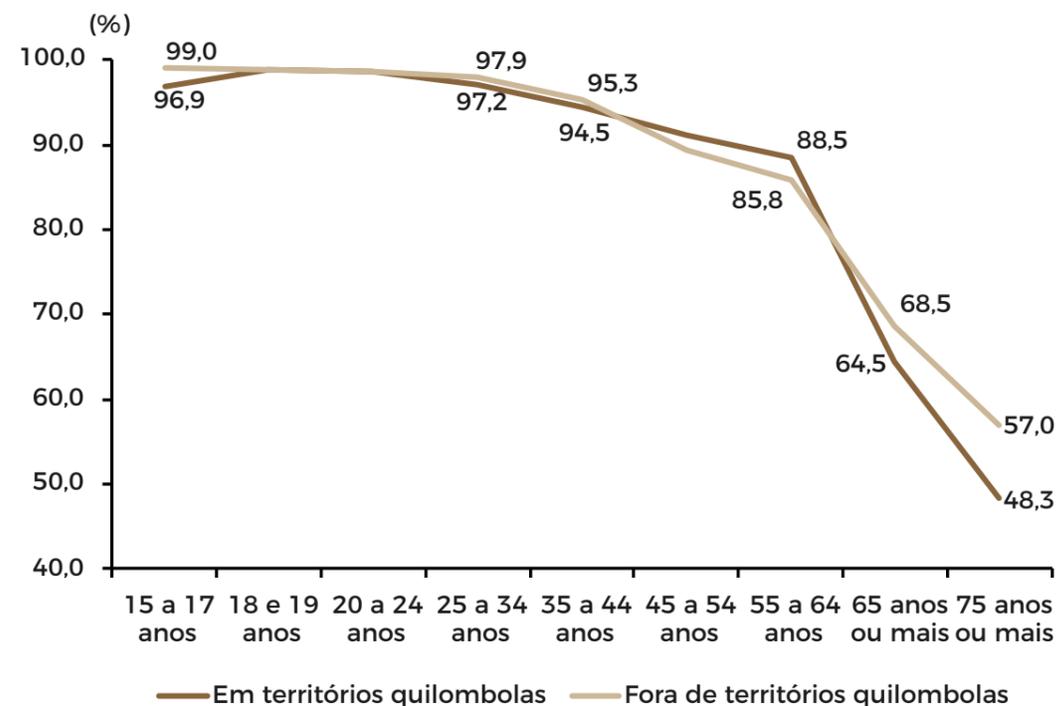
Taxa de alfabetização da população quilombola de 15 anos ou mais de idade, por sexo, localização e situação do domicílio, no RS – 2022



Com relação à taxa de alfabetização, entre os quilombolas, observa-se uma diferença de gênero: em 2022, os homens apresentaram um índice menor (89,4%) em comparação às mulheres (91,0%). Quando se analisa a localização, os quilombolas residentes em áreas urbanas registravam os maiores percentuais de alfabetização – 93,5% entre os homens e 94,2% entre as mulheres. No meio rural, os índices eram mais baixos, especialmente entre os homens (86,6%), embora também se observe queda entre as mulheres (88,4%). A condição de residência em territórios quilombolas também revela disparidades: fora desses territórios, a taxa de alfabetização das mulheres era de 91,2%, enquanto, dentro deles, era de 89,9%. Já entre os homens, os percentuais eram semelhantes – 89,4% fora e 89,6% dentro dos territórios.

A taxa de alfabetização da população quilombola no Rio Grande do Sul, em 2022, era de 90,3%. Entre os jovens de **15 a 17 anos** que viviam em territórios quilombolas, esse índice chegou a 96,9%, valor próximo ao observado fora desses territórios (99,0%). Até os **44 anos**, os percentuais permaneciam elevados e relativamente semelhantes entre os dois grupos, todos acima de 94,0%. No entanto, a partir dos **45 anos**, observa-se uma queda mais acentuada na taxa de alfabetização – especialmente entre os residentes em territórios quilombolas. Na faixa etária de **65 anos ou mais**, por exemplo, o índice era de apenas 64,5% dentro dos territórios, ante 68,5% fora deles. Essa diferença torna-se ainda mais expressiva entre os idosos com **75 anos ou mais**: apenas 48,3% eram alfabetizados nos territórios quilombolas, em comparação a 57,0% fora deles. Esses dados evidenciam os impactos históricos da exclusão educacional sobre a população quilombola mais velha, ao mesmo tempo em que indicam avanços geracionais no acesso à educação – embora persistam desigualdades territoriais.

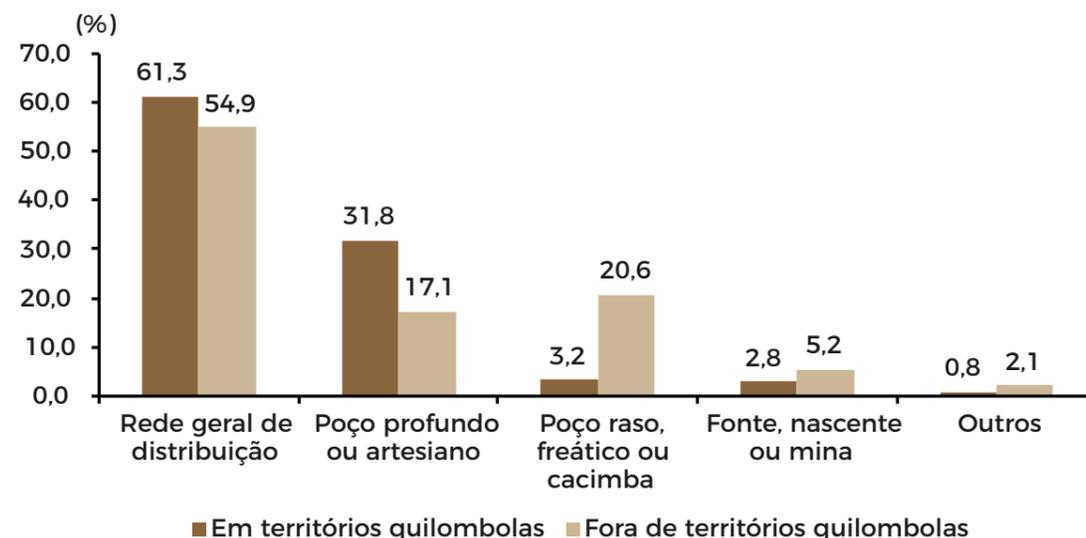
Taxa de alfabetização da população quilombola de 15 anos ou mais de idade, por faixas etárias e localização, no RS – 2022



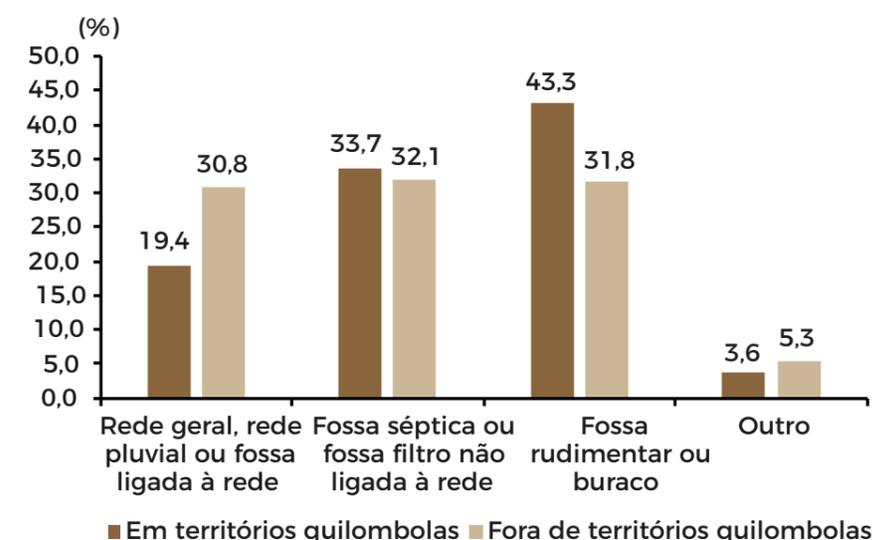
A imensa maioria da população quilombola vive em domicílios particulares permanentes ocupados, representando 99,6% do total. Apenas 0,3% reside em domicílios improvisados e 0,1% em unidades de uso coletivo.

No Rio Grande do Sul, em 2022, entre os domicílios particulares permanentes ocupados por pelo menos uma pessoa quilombola, a principal forma de abastecimento de água era a rede geral, presente em 61,3% dos lares situados em territórios quilombolas e em 54,9% daqueles localizados fora desses territórios. A segunda forma mais comum variava conforme a localização: nos territórios quilombolas, 31,8% dos domicílios utilizavam poço profundo ou artesiano, enquanto, fora deles, essa proporção caía para 17,1%, sendo superada pelo uso de poços rasos, freáticos ou cacimbas, que atendiam 20,6% dos lares fora dos territórios (contra apenas 3,2% nos territórios). Formas precárias de abastecimento, como água da chuva armazenada, rios, açudes ou carro-pipa, eram pouco expressivas em ambos os contextos, não ultrapassando 1,0% dos domicílios.

Domicílios particulares permanentes ocupados com pelo menos um morador quilombola, por principal forma de abastecimento de água e localização do domicílio, no RS – 2022

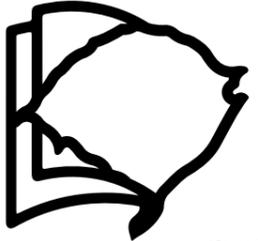


Domicílios particulares permanentes ocupados com pelo menos um morador quilombola, por tipo de esgotamento sanitário e localização do domicílio, no RS – 2022



Quanto ao esgotamento sanitário nos territórios quilombolas, predominava o uso de fossa rudimentar ou buraco, presente em 43,3% dos domicílios. Em seguida, apareciam as fossas sépticas ou filtros não ligados à rede, utilizadas por 33,7% das residências. Apenas 19,4% contavam com rede geral, rede pluvial ou fossa ligada à rede. Fora dos territórios, observa-se um cenário mais equilibrado: 30,8% dos domicílios possuíam rede geral ou fossa ligada à rede, 32,1% utilizavam fossas sépticas ou filtros não conectados à rede, e 31,8% faziam uso de fossas rudimentares.



Cadernos
 **RS**
NO CENSO
— 2022 —
INDÍGENAS E QUILOMBOLAS

Departamento de Economia e Estatística
dee.rs.gov.br